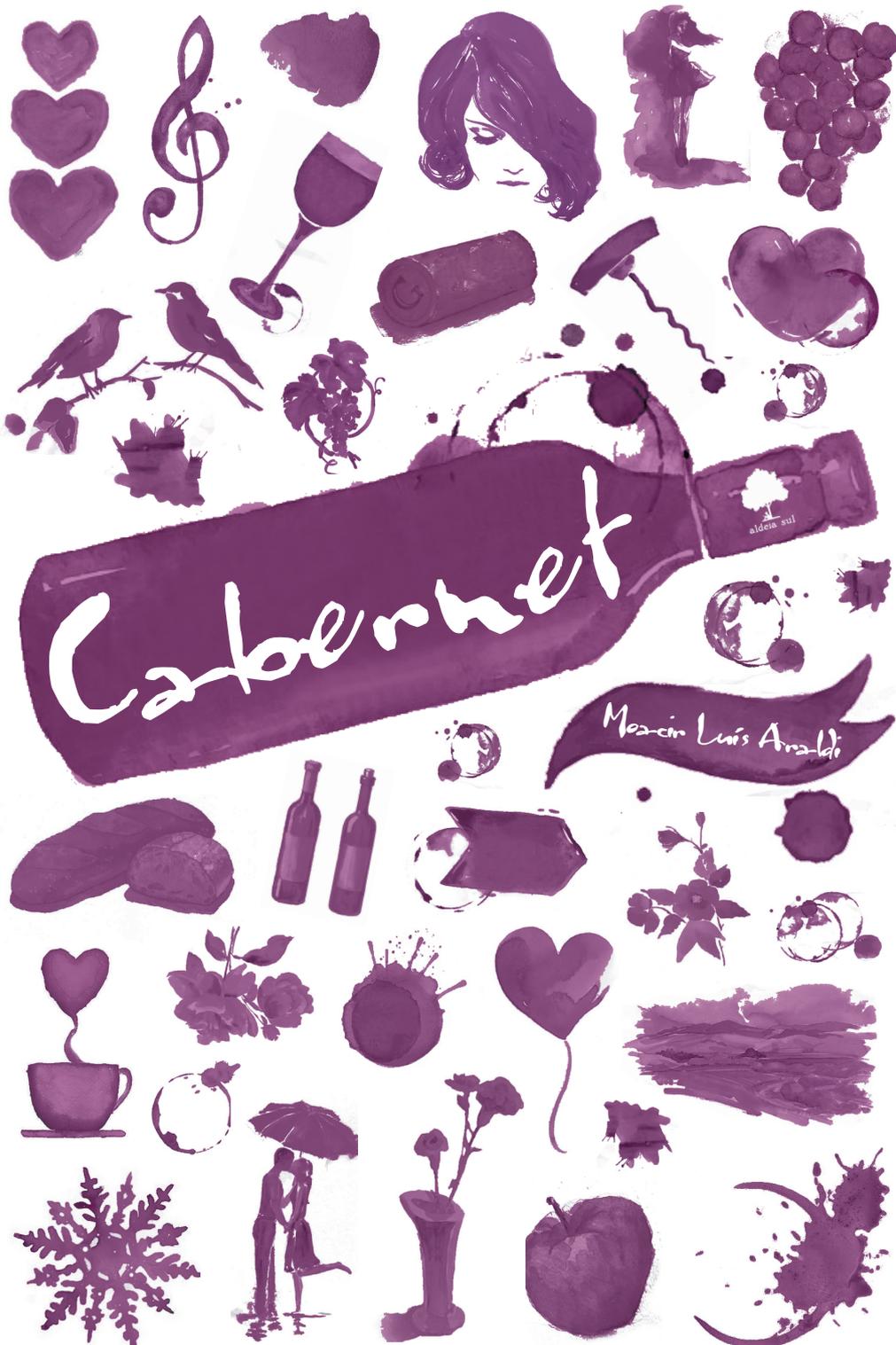


MOACIR LUIS ARALDI

Cabernet



Cabernet

aldeia sul

Maxim Luis Arrald

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: projetoassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

Creative Commons Atribuição-Compartilhualgal 3,0 Nao Adaptada.

Para ver uma cópia desta licença, visite:

creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para: Creative Commons, 444 - Castro Street, Suite 900 - Mountain View - Califórnia, 94041, USA.

Capa e ilustrações de: Marina de Campos

A659c Araldi, Moacir Luís

Cabernet [recurso eletrônico] / Moacir Luís Araldi. –
Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2015. 5.4 Mb ; PDF.

ISBN 978-85-8326-139-1

Modo de acesso: World Wide Web:
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2. Poesia. I. Título.

CDU: 869.0(81)-1

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

Índice

- | | | | |
|----|---------------------|----|----------------------|
| 7 | Tinta | 28 | Sonhos |
| 8 | Observante | 29 | Verdade invisível |
| 9 | Um dia | 30 | Água doce |
| 10 | Gotas de mundo | 31 | Lado de fora |
| 11 | Cabernet | 32 | Pensamento soprado |
| 12 | Nuvem nua | 33 | Pandorgas de Deus |
| 13 | Descompasso | 34 | Psicóticos e insanos |
| 14 | Sopro no rosto | 35 | Em vão |
| 15 | Maçã podre | 36 | Prefiro o grito |
| 16 | Arranjos de algodão | 37 | Mãos atadas |
| 17 | Mulher | 38 | Vazio |
| 18 | Flambar | 39 | Tempos |
| 19 | Framboesa | 40 | Finja |
| 20 | Simbologia | 41 | Barba |
| 21 | Versos tortos | 42 | Corações |
| 22 | Silêncio insano | 43 | Outdoor |
| 23 | Um dia II | 44 | A dieta |
| 24 | Desejos | 45 | Pétalas |
| 25 | Há sempre | 46 | Hoje |
| 26 | Singular | 47 | Frio |
| 27 | Não olhe agora | 48 | Papéis picados |

49	Braços da noite	73	Barganha
50	Beija-me	74	Tempo
51	Duas e meia	75	Porta-malas
52	Poeta	76	Bolhas
53	Na próxima página	77	A saudade
54	Casual	78	O sequestro
55	Luz acesa	79	Nem sei
56	Música da vitória	80	Aprendiz / Sonho
57	Eu sei, mas não gostaria	81	Como vai você
58	Apego-me	82	Ao mar
59	Se é amor	83	Invertebrado / Fim do mundo
60	Travesseiros	84	Compensação
61	Travesseiros II	85	Um minuto de loucura
62	Inquietações	86	Desocupados
63	Amigos para amar	87	Você
64	Bolsas nos olhos	88	Vozes
65	Felicidade	89	Pedinte
66	Que bom seria	90	Hemisférios
67	Vai	91	O sol e a lua
68	Olhos machucados	92	Lados
69	Sombras	93	Eu e meus amigos
70	Novidade / Bem-te-vi	94	Faça de sua vida
71	Dores	95	Sobre o autor
72	Ébrio		



*Não consigo pensar em Cabernet sem você,
Nem sem mim.
Portanto te dedico este cálice de versos tintos,
Vamos levantar um brinde ao seu incentivo.*



No íntimo as cores desbotando.
O olhar ofuscado no labirinto.
Tinta do teto no chão pingando.
Pigmentando um pensamento limpo.

Sem brilho viver não é sorrir.
Se não está no olhar onde estará?
Umedecida a dor começa a cair.
Peito destituído ao corpo voltará?

Liberdade sem amor é prisão.
É provar um veneno letal.
É parada fora da estação.
Alma esculpida na lápide em metal.

Desamor é placa de contramão.
Entrada na via infernal.
Rua sem retorno ou conversão.
Ruela escura do bosque lateral.

Observante

Espio pela janela,
Coberta pela cortina telada
E vejo ao longe, pés enormes de figo.
Por entre eles desce uma
Pequena estrada em forma de meia lua.
À direita segue uma tira de mato
Como um satélite que se alonga.
Ah, antes que eu esqueça.
Acima. Muito acima.
Está o céu, parcialmente nublado.



Um dia



Um dia eu estive lá.
Vi você correndo alegremente
Com os cabelos soltos cheirosos
Radiante, feliz e sorridente.

Um dia eu vi você
Pular em meus braços.
Apertar-me tão forte
A não mais poder.

Um dia eu estive lá.
Incontido em tudo.
Desejoso de me afundar
Na meiguice do teu olhar.

Um dia eu vivi lá.
Passeamos abraçados
Vontades e desejos entrelaçados
E ao fundo... o mar.

Um dia contemplamos juntos
O mais lindo entardecer.
Te fizeste tão minha.
Fiz-me tão você.

Um dia eu tive que voltar,
A tristeza foi tanta que me corroeu.
Enquanto meu eu “doloria” ao retornar
Imagino que você também sofreu.

Gotas de mundo

O calor do sol aos poucos desmancha
A gota de mundo pingada em meus cabelos.
E provoca no couro uma mancha
Onde não crescem novos pelos.

Que motivos temos para viver,
Se a frieza mata a esperança.
Se os sonhos cultivados tentam se esconder
E de tolice destruimos as marcas da presença.

Dentro de mim cultivo tudo com o mesmo ardor
Mas isso quem vai querer saber?
Morro, mas não mato o amor,
Um dia quem sabe o mundo possa entender.

Aos que dizem que de amor não se morre,
Quero um desafio proclamar,
Certamente suplantam o amor que nas veias corre,
Não sabem a intensa maneira que tenho de amar.





Li no sorriso que pulsava em você
A alegria de sentir-me chegar.
O brilhante olho denunciava teu querer.
Exalava de você o sinônimo de amar.

Laçamos nossos desejos anoitecidos,
E o brinde veio num tinto Cabernet.
Que vibrante é sonhar colorido,
Sem pensar se um dia vai amanhecer.

Do vinho vertia o cheiro do amor,
Dos corpos a vontade de ser
Embriagante sensação no corredor
Dois copos em um único prazer.

Não serei o mar.
Apenas a imagem solitária
Do romântico triste a olhar.
Contudo adeus amada,
Estarei por perto
Vagando pelas madrugadas.

Não serei a lua
Apenas a imagem da saída.
Coberta pela nuvem nua.
Contudo, adeus meu amor.

Não serei o vento.
Apenas a música de despedida
Assobiada na partida.

Não serei o sol,
Apenas a sombra que parte agora.
Não chore. A história acaba aqui.
Deixo-te e vou-me embora.
Vês. Também choro.



Não serei o caminho.
Apenas uma estrada de chão.
Que balança, machuca
E quebra o coração.

Estarei sempre por perto.
Mantenha teu sonho,
A areia continua no deserto.

Do trem partindo
verei uma vez mais o jardim.
Ele continuará jardim
Será só teu. Nada mais terá de mim.

À noite te verei em cada estrela.
Rezarei no quarto solitário e triste.
Distante só estará,
O amor que não mais existe.

Descompasso

Olhos brilhantes na beleza do mar.
Descalços pés de amantes apaixonados.
Esperanças no horizonte a se renovar.
Infantilmente mariscando desejos guardados.

Um carinho sentindo a brisa.
Mesmo pisando na água fria.
É desejo que se realiza.
É sonho de alegria.

A noite nos incandesce
De um salutar querer,
Em silêncio peço a Deus em prece
Pra nunca sem você amanhecer.

Vendo-te acordar pensei com esmero
Naquele momento o que eu mais queria,
Ouvir um *eu te amo* sincero
Junto com teu beijo de *bom dia*.

A emoção não te convence
Isso da tua boca não sai,
Calo num abraço comovente
Enquanto uma lágrima sorrateira cai.

Mesmo que em palavras sonegues
Escuto teu coração palpitar.
No descompasso sem querer entregas
A tua vontade de também me amar.

Sopro no rosto

Às vezes quero ficar quietinho, no meu canto sem ser visto.

Quero ficar no meu casulo, na escuridão da vida.

Prefiro não ler o último verso,

Que talvez fale de partidas.

Mas o vento...

Impiedoso,

Balança meus cabelos,

Faz-me acordar.

Sopra meu rosto.

Resseca minha pele

E me avisa

Que é preciso seguir.

Sim, existe vida ainda que com sombras.

Levanta!

Segue teus passos

Bate o pó da tua alma,

Espana as traças do teu íntimo.

Lágrimas? Quem não as tem.

O sol, hoje está do outro lado,

Mesmo que eu não o veja ele pode brilhar.

Pode sim.

Maçã podre

Planto na sombra dos corpos grudados
O cálice amargo do licor condensado.
A magia transformada em vultos derramados
Vozes se transformam em gemidos sussurrados.



Quem sente mais forte não entende
A fraqueza pragueja nos arredores.
Estica-te na suavidade que me rende
Prece vazia de filme de horrores.

Aquele que feliz sorri na vida
Que toca o pandeiro da alma contente
Tem minha inveja assumida,
Ah, não quero ver nem mostrar os dentes.

Junto no chão a maçã mais podre.
Escuto ao longe fortes gargalhadas.
Sento à beira da margem salobra
Sem força e sem rumo pra pegar a estrada.

Arranjos de algodão

Hoje quero um buquê de estrelas,
Com arranjos de algodão,
Com duas luas gigantes
E fiapos de vida em cordão.

Quero meu sonho entregar.
Falar apenas palavras breves,
Acordando sonolento escutar
A voz do amor meiga, suave e leve.

Quero a luz penumbra da lua.
A brisa noturna motivadora.
Refletir a linda imagem tua,
Linda, leve e sedutora.

Minha alma na tua se espelha
Sempre meiga e formosa.
Mesmo que sejam vermelhas
Pétalas sempre serão de rosas.



Mulher

Quero uma mulher
Linda ou não.
Que me ame de montão.
Que me receba
Enrolada de banho.
Que corra ou fique,
Tudo depende.
E que me entenda
Quando à noite
Chego atrasado.
Que de manhã,
Cabelos molhados
Mande-me embora
E depois chore.
Que seja assim:
Metade dela
Metade de mim.

Flambar

O vento embala e a hora se aproxima.
Cresce na frente a pulsação.
Minha emoção entra no clima
O ponteiro do sim sufoca o não.

Ainda busco o verso perfeito.
Que expresse, no momento, o que sinto.
Que tire a angústia do peito
E desvende da alma o labirinto.

Flambe teu beijo apaixonado
Deixe a chama de amor aquecer.
Quero gosto etílico na boca entranhado,
Dos lábios bons não dá pra se esquecer.

Entre, como sempre, sorridente.
Esbanje a sensualidade só tua.
Meus braços são como rosas ascendentes
Cipós que te entrelaçam e te deixam nua.



Quando me perguntam quem sou eu

Eu não respondo.

Não sei quem sou.

Sou apenas pedaço

Que foi salvo pela sorte.

Ou quem sabe serei vida

Amparado pela morte.

Posso ser teu azar

Ou tua sorte.

Faça-me ser o que sou.

Serei o que queres que eu seja.

Posso ser amargura

Ou o doce da framboesa.

Posso correr pelo mundo

Com as rédeas do destino.

Posso ser homem formado e cruel

Ou um frágil e sensível menino.

Simbologia

A tinta no papel faz a simbologia.
Redijo nele sentimentos selecionados e profundos.
Uma lágrima inevitavelmente cai.
Até sem dor,
Talvez solitária.
Talvez carregada de amor.
Este papel que tudo aceita,
Não traz da felicidade a receita.
Nem tem a perfeição do amor infinito.
Ainda assim o amor sempre ama alguém.
Ele é bom. Sim, ele vale a pena.
Nas esquinas do coração tem marcas
Que o tempo ali fez.
Tem incertezas, tem dúvidas e um mínimo de lucidez.
Por vezes corroído de saudades.
Por outras de desejos e vontades.
Se paga o preço,
Quando o amor não se sente amado.
Que a ternura, ainda assim, nunca saia de você.
Nunca perca este teu jeito carinhoso de ser.
Mantenha sempre mole o coração
Para o amor se instalar.
Crescer e se consolidar.
E se não puder ser pra sempre,
Que seja só e tão somente eterno.

Versos tortos

Meus versos já não mais vejo.
Mal e baixinho apenas os escuto.
Não instigam meus desejos
No meu poema vesti luto.

Fiz silêncio por um tempo
Até mais do que um minuto,
Na saudade que hoje sinto,
Até as lembranças eu insulto.



Não vou vesti-los de preto
A cor pra mim não importa,
Depois de matá-los não tem jeito,
Não é a perda, é a tristeza que me entorta.

Silêncio insano

Eu conheço o barulho da porta que fecha.
Já senti o suor das mãos frias.
Conheço a dor na cravada da flecha.
Pisei as pedras da estrada vazia.

Eu conheço o grito que ninguém ouve.
O silêncio que nos faz insanos.
Já vi a lagarta na folha da couve.
Vi a tesoura cortando o pano.



Eu conheço a tristeza da estação depois que o trem passa.
A incerteza se a dor irá parar.
Já vi choro no embarque, ouvi as promessas.
Coração que se divide pra depois suspirar.

Um dia II

Um dia tive que entender que sou finito.
Que ninguém ficará pra semente.
Que existem os feios e os bonitos.
Que sendo como for, somos apenas gente.

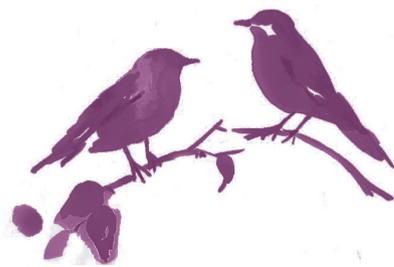
Um dia me propuseram eliminar as aventuras,
Apenas cuidar da saúde do corpo.
Tocar a vida sem fazer loucuras
Viver na base e esquecer o topo.

Um dia me pediram pra repousar,
A entender que o sonho acabou.
Todos os projetos de vida abandonar.
Só entende quem por isso já passou.

Impossível. Não nasci pra me acomodar.
Não vou reclamar da sorte.
Lutarei enquanto respirar,
Cessarei sim. Perante a morte.

Desejos

- Que o peso nas asas não aborte o voo.
Que o medo não chamusque o amor.
Que o calor dos corpos aqueça o sentir.
Que os lábios se toquem mesmo sem partir.
Que meu amor te abraçe na noite calada.
Que te sintas envolvida por inteiro.
Que ao meu lado perceba-se plenamente amada.
Que o tédio da vida não nos leve à morte.
Que o desgaste do rosto não nos torne estranhos.
Que o erro amoroso não criminalize.
Que a chegada desejada não se transforme em partida.
Que os desejos sejam intensos na madrugada.
Que não se condene o amor mesmo quando não se está amando.
Que se durma feliz e
Que se acorde sonhando.



Há sempre

Há sempre uma música ao fundo.
O chiado do vento marcando.
Uma vontade de gritar ao mundo.
De sair sem destino apenas vagando.

Há sempre uma face rosada.
Uma mão afagando os cabelos.
Um lábio em outro tentando morada.
Um carinho ousado de arrepiar os pelos.

Há sempre um mistério envolvente.
Um quê de paixão pousado no ar.
Um grilinho que mexe com a gente.
Um órgão sentido no peito a pulsar.

Há sempre uma hora que a copada balança,
Que a folha começa a flutuar,
Há sempre luz que a alma alcança.
Não negue. Há sim. Sempre há.

Quantas das nossas perguntas ficam, na vida, sem respostas.
Quanto amor tentando convergir na mesma direção.
Quanto perfume do corpo entorpecendo fantasias expostas.
Ilhado no banho de espumas vê-se o amor em formação.

Placas do caminho meus olhos negam.
O roteiro que leva é o mesmo que traz a flor-formosa.
Que seja a pureza do amor que regam.
Sensível como o ar para os liquens cor de rosa.

E no mais improvável querer
A sombra da árvore não nega abrigo.
Desperta o coração para ver.
O amor que suspira à beira do trigo.

A vontade de te conduzir pela mão
Abrindo caminhos para o sorriso passar.
Longe da rota da solidão.
Palpite de sonhos desejosos de amar.

Abrace-me, minha paixão.
Não tema seus pés pisando rochas.
Penetre com a força de um turbilhão.
As pedras deste caminho são todas preciosas.

O poeta silencia diante da romântica e viva poesia.
Tira dos versos a musa sonhada
Confunde o real com a sua alegria.
De amor preservado a imaginação é formada.



Não olhe agora

Não olhe agora,
Minha timidez vai me condenar.
Verás apenas meus olhos sem brilho.
Meio tristes e com vontade de te encontrar.

Não olhe agora,
Neste momento não há ondas no mar.
Apenas o barco da saudade ancorado e mudo
E a brisa fria insistindo em me torturar.

Não olhe agora,
Tudo é silêncio. Posso teu íntimo escutar.
Meus ouvidos se fecham nesta hora,
Pra não ouvirem a música que faz emocionar.

Não olhe agora,
Estou apenas olhando pra você.
Não tenho flores pra te dar.
Só versos secos pra te oferecer.

Não olhe agora,
Não quero que me vejas assim descontente.
Prefiro te ver feliz depois
Quando estiveres na minha frente.





Que a certeza da morte
Não sirva de pretexto.
Que se morra pelos sonhos
E não junto deles.

Ainda que ao acordar
Finde o devaneio num segundo.
Que não se deixe de ancorar,
A utopia de um justo mundo.

Fantasias e vida se misturam.
Feito pedras e concreto.
A vida tem anseios que não duram.
Mesmo efêmeros, sonhar é sempre correto.

Verdade invisível

Sem ser prevista a invasão aconteceu
Não foi possível reação.
Meu pensamento ligou-se ao teu
Levando-me à comoção.

Não fui notado em trajes majestosos
Em meio à multidão,
Com gestos receosos,
Buscando-te na contramão.

Invisível estive quando sentei
À beira da fonte ouvindo suas águas
E pensativo lacrimejei.

Minha peregrinação nunca parou
Sem ser visto sempre busquei
Mas a verdade jamais se apresentou.



Água doce

Da vida quero a certeza que tentei.
Que fiz o melhor que pude.
Nada mágico nesta existência.
Não busco o extraordinário.
Tenho o âmago da coerência.

O eterno está na efemeridade de um momento.
Absorvo as dores suportando calado meus sofrimentos.
A saudade sempre supera os amores.
Se não correspondo, do mundo, os anseios,
Não trarei na minha essência qualquer lamento.

Recebo imóvel a negativa,
O não jamais será definitivo.
Conquisto um minuto de uma vida
Basta um olhar profundo e afirmativo.

No fundo do poço tem um mínimo de ar,
Com imaginação se tem praia longe do litoral.
Há sempre um dia, certamente,
Que a água doce chega ao mar.

Meu amor mora em meu ser
Num lugar que Deus abençoa.
Tenho por tudo um amor a oferecer,
Amo, acima de tudo, as pessoas.

Lado de fora

Sentei-me do lado de fora de mim.
Ao relento.
Ali, pensativo... Olhei-me.
Olhei nos olhos da minha vida.
Nos seus cabelos brancos.
Como ela está envelhecida.
Também refleti nela.
Nada mais da criança que vi crescer.
Nada mais do menino com sorriso encantador.
Um restinho de sonho esquecido num cantinho.
Por uma fresta pude ver morto,
Um poema outrora tão lindo.
Que dó!
A antiga canção agora tinha uma nota só.
Não vi garotas nas paredes internas.
Não vi paisagens emolduradas.
No vaso, flores sem vida.
Um amarelado retrato partido.
Poeira densa sobre os vidros.
Pedacos de vida espalhados pelo chão.
Sem cordas na mesa descansa o violão.
Mas algo ainda se move,
O amor alegremente respira.
Não morre o homem
Enquanto viver a ilusão.



Pensamento soprado

Como quem sopra um balão
Soprei meu pensamento ao vento.
Fiquei vibrante aqui no chão
Ao subir deu-me um alento.

Vai pensamento,
Corta os ares da cidade
Segue firme em silêncio
Vai, como eu, sem maldade.

Vá dizer aos sofredores
De todos os cantos do mundo,
Que ainda existem amores
Buscando-te a cada segundo.

Vá levar a esperança,
Onde impera a tristeza
Leve alívio às crianças
Torne farta sua mesa.

Leve uma mensagem de fé
Aos descrentes e abandonados.
Lembre que na baixa da maré
Também podem ser abençoados.

Leve cura aos enfermos,
Conforto a todos os seus.
Lembre a eles que nenhum termo
Supera a vontade expressa de Deus.

Leve água aos nordestes do mundo
Pra colheita incrementar
Umidade bem no fundo
Pra vertentes brotar.

Como última missão, te peço,
Leve motivo a todos os povos
Pra superar os tropeços
E de novo acreditar.



Pandorgas de Deus

Furou-se a bola do destino.
Calaram-se Luigi e Mário.
Aterrissou-se a pandorga em desatino.
Ficaram no quarto os monstros temerários.

O vidro ficou inteiro,
A porta não mais se abriu,
Dias tristes e sem travessuras
Depois que o menino partiu.

A grama dominou os caminhos.
Enferrujou a gaiola,
O vento soprou sozinho,
Sobrou uma mesa na escola.

O sabão não fez mais bolhas,
A tristeza fez a vida em pedaços.
Do coração caíram todas as folhas.
Faltam na alma os infantis beijos e abraços.

Psicóticos e insanos

Viver é lacônico, ainda assim cansa.
Proliferam-se as más experiências.
Infindáveis dias de constantes esperas.
Justificáveis se ao final o amor prevalecer.

Viver é enfrentar chuvas e tempestades.
É reverenciar até quem não tem majestade.
É fingir loucura na mais sóbria demência.
Preencher espaço, lacunas e carências.

Viver carece de pele bronzeada.
Sempre ao perdedor compete recomeçar.
Fazer a história mesmo na estrada do medo.
Gerir e velar versos vivendo segredos.

Felicidade é quando o amor domina sonhos.
Quando mesmo distraída aceita minha flor.
Divago em canções que componho.
Cenários psicóticos e insanos de amor.



Em vão

Não pode ser em vão
Esse gosto salgado que vem do coração.
Não pode ser em vão este sufoco
Que pouco a pouco banha o rosto.

Não pode ser em vão o brilho no olhar.
O gosto do beijo no paladar.
Não pode ser em vão os passos que dei em tua direção,
Os versos que faço usando tua inspiração.

Nem santo nome não se toma em vão.
A espera pode ter gosto adocicado.
Meus sonhos não podem ter outra direção.
O amor nunca é em vão sendo assim alimentado.

Prefiro o grito

Prefiro o grito ao silêncio.

O grito da dor ao bater da pedra.

O grito do espinho furando a pele.

O grito de resistência apoiado na inocência.

O grito do muro de alma pichada.

O grito da ressaca mesmo sem ter bebido.

O grito do sapato furado no solado.

O grito dos pés pisando brasas.

Prefiro o grito da justiça,

Que na noite extrapola a razão.

Prefiro o grito mas, por covardia

Ou por bom senso, me calo.

Mãos atadas

Ainda que do olho salte a ilusão.
Que da boca verta a fragilidade.
Mesmo que só voe a imaginação.
A busca é constante pela saciedade.

Ainda que a nuvem esconda o sol.
Que na sombra não se veja vulto.
Conserva-se a alma em formol.
Mata-se o corpo em um minuto.

Ainda que o galho balance o canto
Dos uirapurus tão festejados.
O mato permanece à beira do pranto.
Ficam os terrestres voam os alados.

Ainda que o fermento negue crescimento.
A levedura está depositada.
Mesmo que a mente aceite o consentimento
Não se guia só e de mãos atadas.

Vazio

Andando sem destino,
Pela rua a vagar.
Sentindo os raios da noite
Começando a declinar.

Correndo passa um menino,
Sorridente a passear,
Tentando encontrar a menina
Que o fez apaixonar.

Eu ando... Sem rumo.
Nem sei onde quero chegar.
Mais feliz é o menino
Que tem a quem buscar.





Foi um tempo de bravura
Tentando naquela altura
Não desistir de buscar.
Tomava o ônibus de ida.
Pra voltar era aventura.
Sem paga não pode andar.

A pé sempre retornava,
Uma hora de caminhada
Marcando passos na madrugada.

O calcanhar machucado.
O joelho inchado,
O jeans velho já surrado.
Batia a fome malvada
Muito mais ele desejava
A situação mudar.

A Deus pedia saúde.
A mão Ele estendia.
Conformado,
Dormia de barriga vazia.

Riqueza não interessava.
Tudo o que ele buscava,
Pra mesa a própria comida.

A vitória pouco importava.
Mas diante das injustiças
Não podia se calar.

Hoje no céu batalha.
Com certeza me ilumina.
Não és de jogar a toalha.
Acredite, aqui continuo a tua sina.



Se não é real, finja.
Se há muitos iguais, minta.
Diga que sou demais,
Você sabe como se faz.

Diga que nunca foi tão intenso.
Que ninguém faz como eu faço.
Diga que o prazer é imenso.
Que te mato no cansaço.

Invente que beijo bem.
Que tenho bela pegada.
Que te satisfaço como ninguém.
Que nunca se sentiu mais desejada.

Que estava morta de saudade.
Que sentia um calorão.
Que sou tua felicidade.
Que por mim morre de excitação.

Eu finjo que acredito.
Vendo teu olho brilhar,
Que esse amor é infinito,
Até o instante em que acabar.

Barba



Hoje não quero emoções de barba feita.
Antes as migalhas do pão amanhecido
Servido na fétida e úmida sarjeta
de um viver já morrido.

Hoje no café não quero açúcar.
Quero gotas de sangue nos versos da poesia
Com gosto de fel sem adoçar.
Morre uma vida quando acaba a fantasia.

Hoje amor não trago em mim.
Prefiro a morte a ficar sem teu pão.
De longe vejo a luz chegando ao fim.
Como ondas foi-se o emocional da razão.

Corações

Dos corações que eu tinha
Quase todos foram embora.
Restou-me apenas este
Que bate no peito agora.

O do amor partiu primeiro.
Depois foi o aventureiro.
O sonhador foi em terceiro.
Por último o bagunceiro.

O que ficou é técnico
Não conhece emoções.
Reto e muito ético
Apenas cumpre suas obrigações.

Tenho saudades dos que foram.
Eles que me davam alegria.
Todos valiam ouro.
Sinto falta das folias.



Outdoor

Eu não tenho medo,
De abrir a foto pra te olhar.

Eu não tenho medo,
De escancarar a porta pra você entrar.

Eu não tenho medo,
De desenhar de risco de giz
Um coração, pra te ver feliz.

Eu não tenho medo,
De te oferecer majestosos
Buquês de rosas.

Eu não tenho medo,
De ao mundo revelar
Todos os segredos.

Eu não tenho medo,
De dançar com você
Um bolero sertanejo.

Eu não tenho medo,
Do teu sentimento de reciprocidade,
Vou confessar este amor num
Outdoor, na principal avenida da cidade.

A dieta

Despeço-me desta lida.
Tomo outros rumos.
Escrever já não me alegra.
Meus versos se esvaziaram.
Esqueço até de regras.
Já estou no mata piolhos,
Faltam-me dedos para alçar.
Sendo assim não vejo
Razão para continuar.

Antes era fácil.	Agora não.
Eu espetava umas palavras,	Palavras não me apetecem.
Temperava com pedaços de sonhos,	Temperos a vida já não contém,
Polvilhava com abundantes ilusões.	Ilusões não fabricam mais.
Pronto. Só degustar.	Sonhos ficaram lá... Bem pra trás.

Entro numa dieta rigorosa.
Consumirei apenas aqueles olhos magros.
Mergulhados sobre os meus.
Sem os deliciosos beijos doces,
Sem os apertos gordos ofegantes.
Momentos pouco picantes,
Sem as cenas do romance.

Deixo a magreza poética me vencer,
Não farei forças para reagir,
Não vai fazer diferença.
Pra mim chega.
...Não quero mais escrever.

Pétalas



Se brincarmos que seja com nossos corpos.
Que jamais se maltrate os sentimentos.
Que a doçura do amor venha de dentro.
Que não esvoace com o sopro do vento.

Que o amor seja eternamente livre e irracional.
Sem prisão viverá feliz onde desejar.
Que pouse lentamente como brisa matinal.
Nas pétalas das rosas para se perfumar.

Sai de você meu verso mais autêntico e lírico.
Vem como ondas leves e suaves do mar.
Entra em mim quando fundamente inspiro.
Encontra um cantinho nobre pra se acomodar.

Dos teus olhos vem meu intenso brilho.
No teu sorriso encontro minha inabalável alegria.
Tua beleza tem a exuberância e o perfume do lírio.
Amor real coroando minha fantasia.

Hoje

Hoje, Deus,
eu busco um abraço teu.
Quero te falar.
Bater no teu ombro e dizer:
E aí amigo, como vai você?
Confessarei alguns segredos.
Contarei alguns medos.
Falarei de tristezas,
De planos.
De futuro.
Das frustrações.
De amores.
De paixões.
Mas acima de tudo,
Eu quero pedir-te:
Ensina-nos a sorrir.

Frio

Estas pessoas que vivem
Em locais de extremo frio,
Não são como os tropicais.
Não devem ter alma.
São agasalhos move-diços.



Que graça terá ficar nu
Numa terra tão gelada.
Como ficar pelos bares
Até alta madrugada.



Devem ter partes atrofiadas.
Vivem muito fechados.
No máximo, São Joaquim,
E tá bom pra mim.

Como vivem sem sorvetes.
No frio extremo não se consome.
Andam tão vestidos que tanto faz
Se for mulher ou se for homem.

Papéis picados

Hoje quero fazer uma poesia supostamente linda.

Como caminhar descalço à beira-mar.

Como canção que não se fez ainda.

Como neve descendo ao luar.

Quero vê-la nascer de forma natural.

Como o calor dos corpos ao se amar.

Como um beijo de desejo matinal.

Como amantes ao se completar.

Quero festejá-la com papéis picados.

Com sorriso estampado nos rostos.

Ver todos os protocolos quebrados.

Quero que todos tenham seus desejos expostos.

Quero abraçá-la em plena praça.

Gritar o amor para todos os lados.

Fazer-te agrados e te deixar sem graça.

Demonstrar o amor muito exagerado.

Braços da noite

Lindos braços me acolhem ao entardecer.
Elegante desejo de ali pernoitar.
Inimaginável véu noturno me faz viver.
Se for sonho eu não quero acordar.

Despertamos num mundo em que a alegria aflora.
Infantilizo-te em ternuras e carinhos.
A felicidade que vemos do lado de fora
Vem da certeza de não estarmos sozinhos.



Se necessário, mata-se a poesia
Para o amor alegre e livre viver.
Louvável poema em sinergia
Versos perpétuos pra gente escrever.

Fica um pouco de vida eternizada.
Gigantes na mente mapeados.
Promessas para a retomada.
Sons românticos nos microfones soprados.

Certezas nem sempre a vida nega.
Posso ser “poetal” sabendo que não existe.
Serei apaixonadamente romântico e brega.
Prefiro ser ridículo a ser triste.

Beija-me

*“Da vez primeira em que me assassinaram
perdi um jeito de sorrir que eu tinha...”*

Mario Quintana

Debruço nos joelhos a dor da perda.
Na pedra fria faço orações.
Beijei-te no último adeus.
Chorei a perda
Do colo amigo, do meu abrigo.
Da proteção.
Mãe,
Deus te levou.
Fiquei aqui
Pensando em ti,
Reunindo forças para seguir.
O segundo domingo de maio,
É o mais triste do calendário.
À noite,
Vou adormecer pra
Sonhar com você.
Quem sabe assim,
Encontrarei de novo,
O sentido de viver.
Talvez eu ganhe teu beijo
Como na vida,
Que era inteira
De qualquer maneira,
EU AMO VOCÊ.



Duas e meia

Não vou atribuir à má sorte este ardor.
À beira da estrada o sol queima sem pesar.
São apenas duas e meia e calor,
Piso solo quente pra areia me castigar.

Pra alma não há árvores sombrias
Nem portas pra ventilar.
Prevalecem as tristezas sobre as alegrias
E tempestades dignas de penar.

Elevo-te ao ponto mais alto da vida,
Sorria-me ao menos por alguns segundos.
Vejo a esperança tingida
Afundando sonhos e mundos.

Azula-me céu límpido de raios acalorados
Este sol perpassa meus íntimos desejos.
Onde estão as nuvens densas enamoradas,
Que trarão chuvas abundantes de festejos?



O poeta chega à tardinha sem dizer nada.
Traz nos olhos uma panaceia em elixir.
Fica comigo pela madrugada.
Ao amanhecer tem que partir.

Em outdoors na minha mente
Espalha ideias e vontades.
Consegue entender o que meu amar sente.
Sabe como ninguém aguçar minha saudade.

Com ele vem só a folha em branco.
Quer sorver minha inspiração.
Sentamos eu e ele em algum banco.
E viajamos na nossa imaginação.

O poeta é meu leal confidente.
Por vezes soluçamos abraçados.
Sabe o que sinto e se cala sabiamente
Sofremos juntos, vivemos entrelaçados.

Na próxima página

Manuseio com o cuidado de quem ama.

Folha por folha. Uma por vez.

A formiguinha do Quintana.

Encontrarei logo ali, talvez.

Dias escutando o sabiá.

Drummond consolando José,

Nos versos íntimos Augusto.

Na bola! Adivinha que é?

A próxima página tem um grito.

Um risco. Um rabisco. Gerúndios.

Olhos espiando, café esfriando.

Um poeta aflito gestando.

Romeu acariciando Julieta,

Titanic começando a afundar.

A baderna do boi da cara preta.

E um sofá pra Beethoven sentar.

Tem a ilha querendo sair.

O rio que entra no mar.

A lua começando a surgir.

E um beija-flor no pomar.

Mona Lisa sempre sorridente.

Letras de poetas expoentes.

Comédia divina de Dante.

O Quixote Miguel de Cervantes.

Vinícius compondo sonetos.

Olavo ouvindo uma estrela.

Carlos e seus anjos tortos.

Em Pasárgada, amando, Bandeira.

Não sei o lado certo onde está.

Com a mania que até hoje tenho,

De trás pra frente venho

Folheando de lá pra cá.

Casual

A fidelidade jurada foi carnal.
Traio-te sem me por pecador.
Devaneios não causam mal.
Aventuro mas nego amor.

Pois se desejo, sou desejado.
Excetuando as trapalhadas
Não amo, nem sou amado.
Letais vivências das madrugadas.

Outro deleite bem casual.
Mero acaso, nada proposital.
Fitamos o perverso a procurar.

Seguimos indiferentes na condição
É carne, nunca será pão.
Não é amor, é um simples amar.



Desta busca ao impossível
É que sou sobrevivente.
Tantas faces insensíveis.
No caminho estão presentes.

Desta busca à felicidade
É que rondo de luz acesa.
Busco todas as possibilidades
Se não as encontro abasteco de tristezas.

Desta busca ao verso inexistente
Escrito com alma latente
É que perdi os melhores poemas.

Buscando a rima rica
Que pra mim pouco se aplica
Fui tropeçando em pobres fonemas.

Música da vitória.



O melhor do jogo é ganhar.
O vencedor é aplaudido.
Sobe ao pódio, é premiado.
O perdedor nem será lembrado.

A vitória faz amigos
Bajuladores em profusão.
Perder faz ser esquecido.
Ninguém pra te dar a mão.

Triunfar vale a taça.
E uma princesa pra valsa.
Fracassar não tem valor.
Apenas mais um sonhador.

Sem o primeiro lugar
Nunca farás história.
Não terás par pra dançar
A música da vitória.

Eu sei, mas não gostaria

Sei que quando nos afastarmos
Voltarei ao ostracismo malfadado.
A ele serei relegado.
Não tem como ser presente
Se o alimento é só do passado.

Eu sei que etapas terminam.
Que gelo derrete-se em água,
Que as flores efêmeras duram só um dia.
Que amores mal acabados viram agonias.

Eu sei que se for falso não brilha.
Que azurita nem sempre trará alegria.
Que nenhum ser humano é uma ilha.
Que o sonho é irmão da fantasia.

Ao começar eu não queria
Que fosse finito um dia.
Contudo prevalece o que é real
E não o que eu gostaria.



Apego-me

A simplicidade é a leveza do meu corpo,
E a essência do meu espírito.
Prefiro as fórmulas simples.
Não gosto de enrolação.
Se eu faço é de bom gosto
Não costumo esconder o rosto.
Máscara não me acompanha.
Sou assim e não tenho oposto.
Apego-me e sinto falta.
Humildade facilmente me ganha.
Fujo do centro para ver a ribalta.
Coloco os amigos na posição mais alta.
A distância me maltrata.
A presença me faz falta.





Se é amor...
É natural.
Nasceu sem semear.
No inverno não vai murchar.

Se é amor...
Tem seu sabor.
E ninguém conseguirá comparar.

Se é amor...
Basta um olhar. Palavras podem atrapalhar.
Mantenha segredo, nem precisa contar.

Se é amor...
Diga baixinho.
Ninguém mais precisa saber,
Só eu.
E talvez você.

Travesseiros



Num devaneio alvissareiro
Na cama coloquei dois travesseiros.
Quiçá amanhã um terá teu cheiro
Ou repousará ainda inteiro.

Sinfonia, bem baixinha, de Chopin.
Foco de luz no quadro de veleiros.
Pra lembrar-te amanhã
Ou esquecer-te por inteiro.

Perfume pra deixar em você o meu cheiro,
Roupa de grife parecendo natural.
Peças pensadas no tabuleiro
E uma ansiedade sem igual.

Poderá ser um fato magistral
Ou afundar em ilusão.
Vejo-te deusa colossal
Imagino-te em extrema excitação.

Encanto-me ao vê-la se aproximar
Meu desejo haverá de se realizar.
Champanhe e taças pra brindar.
Um deslumbre! Ela acaba de entrar.

Travesseiros II

O dia se fez às onze.
Um travesseiro sem cheiro
Feito medalha de bronze
Ao lado da cama, ainda inteiro.

A sinfonia vinha de dentro.
A luz ganhou foco exuberante.
Num único travesseiro,
Duas marcas e o cheiro dos amantes.

A noite foi de magia
Como há muito não se via.
Minha deusa da alegria.
Dona das minhas fantasias.

O cabelo desalinhado.
Agora um velho jeans desbotado.
Um perfume desodorizado,
E um sonho de amor realizado.

O champanhe abandonado
Por água de coco trocado.
Os desejos retomados.
Ela feliz ao meu lado.

Inquietações

Das minhas inquietações
Tem umas que nunca entendi,
Haverá mesmo um amor
Impossível de substituir?



Que dizer destes encontros,
Ainda que acabem sem prancos,
Amantes de amor doridos,
Saíam saciados sem ter fingido?

É possível deliciar-se uma só vez
Com alguém, quando convém,
Se amanhã nem mais palavras
Cada qual um amor tem?

Procuro amigos.
Amores não mais.
Em toda vida busquei. Desisti.
Procuro só amigos que não tenham que partir.

É fácil uma amizade virar amor,
Mas o contrário nunca vai existir.
Quero só amigos.
Em amores não vou insistir.

Amigos podem ter defeitos.
Gordos. Feios. Mal-acabados.
Amores não.
Amor tem que ser perfeito.

Busco só amigos.
Podem ser desengonçados,
Basta que sejam leais e esforçados.
Ao contrário da amizade
O amor te faz enciumado.

Amigos que me recebam sorrindo.
Que me incluam em seus programas.
Que não permitam que eu dirija embriagado.
Mas que nas minhas recaídas estejam ao meu lado.

Que deem abraços.
Que entrem sem pedir licença.
Que peçam meu terno emprestado.
Que transmitam a certeza de muitas presenças.

Amigos de qualquer idade.
Que respeitem minhas vaidades.
Que zombem sem ter maldade.
Mas que admitam sentir saudade.



Meus olhos tentam guiar meus pensamentos.
Quando não querem me mostrar
Desviam o olhar num rápido movimento.
Porém se não vejo posso imaginar.

As bolsas que trago neles
As causas não são do tempo.
São depósitos daqueles
Que de amor alimento.

As pálpebras fecham com rapidez
Para evitar o pó da estrada
Tentam esconder de vez
Os troços da caminhada.

Quando estão fechados
Não sei por onde seguir.
Vou para o lado errado
Precisando me redimir.

Portanto, olhos meus,
Estejam sempre alerta.
Se rondarem os teus,
Façam a escolha certa.

Bolsas
nos
olhos

Felicidade

Definir felicidade.
Só em doses individuais.
Não a deseje de forma permanente
Aí é querer demais.
Oscila em antagonismos inesperados.
Vidros abertos ou ar condicionado.
Grade ou liberdade.
Café ou suco gelado.
Cabelos longos ou raspados.
Faculdade ou não estudar.
Fidelidade ou aventura.
Humilhar ou afagar.
Bronzear-se ao sol ou refrescar-se na chuva.
Tênis novo ou amaciado.
Perder peso ou comer o que tem vontade.
Pintar os cabelos ou não esconder a idade.
Correr descalço ou uniformizado.
Ser discreto ou se fazer notado.
Cartão sem limites ou
Dinheiro contado.
Bem-vindo ou
Boa viagem.
Dê o fora ou
Entre e fique à vontade.
Amar de verdade ou
A imensa saudade.



Que bom seria

Que bom seria se as segundas chances fossem reais.

Se os amores fossem imortais.

Se os pecados não se tornassem imorais.

Se os reencontros não fossem banais.

Que bom seria se a vida fosse de paz.

Se não quiséssemos deixar os outros pra trás.

Se de perdoar todo mundo fosse capaz.

Se a fraternidade prosperasse cada vez mais.

Que bom seria se só tivéssemos alegrias.

Se o sofrer fosse abortado em cirurgias.

Se a felicidade viesse numa magia.

Que bom seria se o mundo fosse de igualdade.

Se o respeito existisse em qualquer idade.

Se o ser humano se despisse de falsidade.



Vai.

Esconde-se em mim agora.
Só assim, me salvará em outra hora.

Eu te preciso e você sabe.

Nunca nos enganamos,
Sempre, assim nos aceitamos.

Vai.

Invade também minha alma.

Contamina-me o espírito.

Domina minha mente.
Deixa meu cérebro dormente.

Vai.

Desce pelo meu corpo.
Instiga meus desejos de sedutor.

Faz amor sem nenhum pudor,
Suspira embaixo do cobertor.

Vai.

Faz com que eu tenha medo,
Promete revelar nosso segredo,

Me deixa chupando o dedo
Parte de manhã bem cedo.

Vai.

Não gosto de despedida.

Quero ainda te ver despida.

Ao sair só abane

Com a mão erguida.

Vai.

Aumenta esta ferida,

Finje que é pra toda vida,

Mantém esta postura atrevida,

Se a saudade bater,
me acorda ou me liga.

Olhos machucados

Vi que olhos arregalados me fitavam.
Deles demandava uma frieza nunca vista.
Fixei meu olhar por um instante,
Vi que estavam distantes.

Olhavam-me ao léu.
Olhar triste de partida.
Portas opacas do inferno.
Em nada lembravam o céu.

Olhos malvados.
Machucados.
Desesperados.
Olhos apaixonados?

Olhos d'água.
Com olhar de águia.
Olhos com água.
Com olhar de mágoa.

Um olhar de tantos olhos,
De histórias não contadas.
Tristes olhos sem brilho
Na despedida brotaram em lágrimas.

Sombras

As nossas andam separadas.
Em outros tempos eram vistas de mãos dadas.
Eram enormes ao final do dia,
Agora já não são mais nada.

A companhia boa é aquela que não se precisa.
Tu eras a sombra que a mim encantava.
A minha hoje, anda sem camisa.
A tua era a proteção onde eu me sentava.



Talvez sejam vistas
De outras acompanhadas.
Não uma,
Mas duas imagens sombreadas.

Novidade

Quando nasci foi tudo tão normal.
Até o parto.
Não houve um grande temporal.
Foi apenas mais um ato.
Não aconteceu nenhuma comoção social.
Ninguém considerou a data como um evento.
Cumprimentos só alguns,
Eventuais.
Nem houve um grande sopro de vento.
Só minha mãe se emocionou
Naquele momento.
Tudo monótono na cidade.
Eu,
A única novidade.

Bem-te-vi



Quanto canta,	Bem-Te-Vi
Bem-Te-Vi.	Bateu asas.
Se me viu	Sem elas
Também te vi.	Fiquei aqui.



Dores

Bom era quando as dores vinham das pancadas.
Das pisadas em pregos.
Do braço quebrado.
Dedo queimado.
Das enroscadas em unhas de gato.
Das caídas em barrancos.
Das picadas de insetos.

Era um tempo em que a cura não demorava.

As dores de hoje atingem a alma.
Degeneram o cérebro.
E não têm medicação.

Ébrio



Um uísque.
Duplo, por favor.
Preciso desentalar da garganta,
Este nó, esta dor.

Só não me sirva com desdém,
Sou humano como você, meu bem.
Não faço isso todos os dias,
Só bebo quando me convém.

Anos de vida me fizeram mole,
Saudade é o que sinto agora,
Por mais que eu me enrole
Talvez eu fique ou vá embora.

Este copo aqui, ó, vazio.
Avermelhou-me o rosto,
Desequilibrou-me o corpo.
Atingiu-me a voz.

Barganha

Eu sempre desejei que os abraços fossem apertados.

Que os sorrisos fossem sinceros.

Que as despedidas fossem exterminadas.

Que o tempo não fosse contado.

Que a corrida não fosse só para a vitória.

Que não se fizesse só pela história.

Que coisas ruins saíssem da memória.

Que todos merecessem a glória.

Tudo o que eu mais quis.

Que toda pessoa pudesse ser feliz.

Que só existissem balas de anis.

Que a fé não precisasse remover montanhas.

Que as medalhas não fossem apenas para quem ganha.

Que todos na vida tivessem o poder da barganha.

Tempo

Meu tempo
Não é o de quem pode comprar.
O tempo que tenho,
Fui juntando aos pouquinhos
Quando ganhava guardava.
Já vinha meio desatualizado.
Ou então quando o encontrava abandonado.
Aliás,
Como existe tempo perdido.
De forma que
Posso dizer:
Meu tempo é assim...
Meio reciclado.

Porta-malas

Primeiro eu bebia minhas tristezas.

Hoje sou abstinente.

Depois eu as fumava.

Sou ex-fumante.

Então passei a comê-las.

Fui pra dieta.

Jogava.

Parei.

Agora as absorvo.

Não tenho mais fuga.

Coloco-as no porta-malas da memória

Em pequenos pacotes

Assim atrapalham menos e

Fica mais fácil levá-las comigo

Sem que sejam notadas.





Daqui pra frente vou complicar menos,
Vou amar além do que já fiz.
Não me preocupar com a idade.
Dormir e acordar mais tarde.

Dizer bom dia para a natureza.
Deixar a bagunça sobre a mesa.
Rir com Maria
Chorar com Tereza.

Esvoaçar os cabelos,
Usar uma roupa novinha em folha.
Deixar a barba crescer um mês inteiro,
Comprar sabão pra fazer bolhas.

Pedir carona para o estrangeiro,
Aprender a viver sem dinheiro,
Passar correndo para ludibriar o porteiro,
E ter uma noite de forasteiro.

A saudade

Seguro tua cabeça entre as mãos.
Olho fundo em teus olhos,
De infinitas verdades
De inúmeras realidades,
E sinto tremer
O teu corpo.
Aquecer o sangue.
Encaixa-se em mim
E respira fundo.
Seu mundo
Nosso desejo.
E na mágica
O beijo.
Afago teus cabelos.
Afago as palavras.
No chão silencio de felicidade.
E no beijo de adeus
A saudade.



O sequestro

Após o sequestro fui roubado.
Levaram-me a vontade de escrever.

As rimas.
Os versos.
O poema da poesia.

Meu último poema
Foi arrastado ainda inconcluso.
Puxaram-no pela perna.
Ainda estava tão frágil,
Tinha versos pela metade.

Não existia motivo.
A maior atrocidade.
Nunca saberei a razão.
Despi-me de vaidades
Pra fazer o pedido de prisão.

Pensando por outro lado,
Talvez nem sejam tão culpados.
Eu tenho sido descuidado,
Ando muito distraído
Melhor perdoar estes indivíduos.

Dureza foi ver a inspiração
Sendo carregada sem dó.
Eu que a preservava tanto.
Mas eles, pra meu espanto.
Consumiram-lhe de uma vez só.

Sem título definitivo.
Não entendo tal maldade.
Um bebê em gestação.
Rodando pela cidade.
Que ato de crueldade!

Por favor, prendam estes bandidos.
Eles foram muito ousados.
Levaram um poema inacabado.
E mantiveram o poeta silenciado.



Nem sei

Construí imaginários sobrados,
Os mesmos antigos.
Enormes abrigos.
E fiz jardim
Ao fundo.
O mundo de branco,
Pintei.
E te encontrei
Entre cervejas
Que foram abraços.
Foram beijos e desejos.
E te paguei.
Quanto? Nem sei.
E agora,
Estou envergonhado.
Por ter comprado
O que não dei.



Aprender

Discutimos Aristóteles.
Platão, existencialismo.
Discutimos
O Estado.
Atenas,
Espartas.
Discutimos
Classes,
Sociedade,
Competição.
Discutimos
Como bestas.
Como bostas.
E o que importa se Deus existe?

Sonho

Do sonho que acordo
Desperto um desejo.
Vontade de morrer
Ou de ganhar um beijo.



Como vai você

Madrugada lenta,
Onde escondeste o dia que não chega?
Morto neste colchão,
Abraço o silêncio e a solidão.

Atrasado chega o dia, bocejante,
E pede que me levante.
O hotel se torna borbulhante.
Já sei que a rotina será maçante.
Sem escolhas vou adiante.

Bom dia. Como vai?
Olá. Tudo bem?

As pessoas bem dormidas,
Não sabem da minha vida.
Das esquinas descabidas.
Das péssimas investidas.

À tarde os importunos se multiplicam,
Ficam ainda mais pedantes.
Sem escolha vou adiante.
Tentando não parecer arrogante.

Boa tarde. Como vai?
Olá. Tudo bem?

A noite outra vez me escolta,
Sábica e cheia de contra-indicações.
Sigo cabisbaixo
[conduzindo minha revolta.
Ainda encontro uma multidão
Chata e sem emoção.

Boa noite. Como vai?
Olá. Tudo bem?

Enfim fico só comigo,
Empalideço a fisionomia.
Deito em meu jazigo.
Meu corpo parece
Embalsamado pra aula de anatomia.

Entre as paredes melancólicas
[deste mausoléu.
Refaço minhas angústias.
Minha consciência atrevida,
Pra infernizar ainda mais minha vida,
Pergunta destemida:

Olá. Tudo bem?
Como vai tua vida?

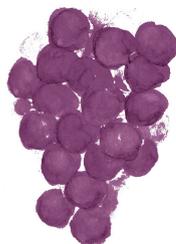
Ao mar



Joga-te ao mar,
As ondas vão te beijar,
Joga-te ao mar,
Na areia do mar,
Escreve teu nome e o meu.
Joga-te ao mar,
No leito lindo do mar,
Nos dias de maresia,
Teu cheiro em minha fantasia
Fico louco pra te encontrar.
Joga-te ao mar,
Mergulha este corpo escultural.
Sou pescador, vou te pescar.
Joga-te ao mar,
Molha teus cabelos e
Balança-os ao levantar.
Joga-te ao mar,
Quero mais ainda te desejar.
Joga-te ao mar,
E quando eu chegar,
Ainda molhada,
Corra na areia.
Corra pra me abraçar.

Invertebrado

Às vezes levantava e
Escutava o grito do grilo,
Quebrando o silêncio
Da noite melancólica.



Quando o dia chegava
O sol mostrava seus primeiro raios
Então se calava o grito do grilo
Da noite melancólica.

Fim do mundo

De todos os fins de mundo que já participei,
Este é o mais comentado.
Vai ser muito bom.
Contudo,
Tenho certeza que o próximo será ainda melhor.

Compensação

Não sei amar como Jesus amou,
Mas sei amá-lo.
Não tenho a fé de São Francisco de Assis,
Mas tenho uma vida franciscana.
Não sei escrever como Quintana,
Mas sei ler Quintana.
Não tenho a Julieta do Romeu,
Mas tenho um amor que é meu.
Se não consigo viver em Pasárgada,
Vivo feliz em Passo Fundo.
Se não posso ser William Shakespeare,
Posso ser um homem de poucas palavras.
Ou não.
Se não tenho respostas,
Pesquiso.
Sem beleza,
Esbanjo simpatia.
Sem dinheiro,
Capricho na economia.
Evito lentes,
Por não ter fotogenia.
Se tem tristeza,
Combato com a alegria.
E se tem câmeras,
Ria. Só ria. Sorria.



Perdi a conta
De quantos sou.
Sem ter verdades
Os olhos cegam.
Carrego este tormento
Este esquecimento
Psique avançada.
Não sei das horas
Não sei das datas
Nem das tristezas
E das alegrias.
Perdi-me tudo.
Fiquei sem lar.
Caí no mar.
Naufraguei
Flutuando encontrei
O que nem sei
O que não sou.
Aviões dourados
Trens zunidores
Mosca atrevida
O sapo na lata
Pirâmide branca
Não vou tomar este comprimido.

Um minuto de loucura

Desocupados

Ocupam-se das noites,
Vagando vaga-lumes.
Tocando campainhas.
Quebrando lâmpadas.
Chutando papel.
Ocupam-se das noites,
Pichando muros.
Murando morais.
Ocupam-se das noites,
Nas praças periféricas e
Centrais.
Traficando, consumindo.
Rindo sem sorrir.
Ocupam-se das noites,
Na sarjeta fétida
Cheirando caviar.
Ocupam-se das noites
No presídio deserto
Que os torna mais incertos,
Que os torna mais desonestos.





Quando amanheceu dei-me sem rumo,
Desnudo de qualquer amor.
Meu grito poético sem prumo
Tomado por súplicas de dor.

Onde guardarei os versos que pra ti compus?
Que me deixaram rouco de te querer.
Pra que lado sopra o vento que me conduz?
Onde você foi de mim se esconder?

Vozes

Estou indo pro meio da noite
E a vida não volta,
Formidável a ânsia
No escuro corredor.
Vozes me tocam de súbito
Eloquentes e apaixonadas.
Risos e dentes
Humilham meus sonhos.
Eterno é o momento
Na vida formal.
Quero ver todos tristes
Ao meu redor.
Que chorem os que amo.
Que odeiem os felizes.
Estou viajando nos céus
Vou para a casa,
Amiga de Deus.



Pedinte



Não. Não quero ver o dia amanhecer.
O amanhã será como hoje.
Talvez mude o clima,
A chuva,
O sol,
Mas amanhã e outros amanhãs
Serei o mesmo.
Incontestavelmente o mesmo.
Acho que é assim,
Nem bom,
Nem ruim,
Risco do meio.
Amanhã será escuro.
O pão,
Será seco,
A mesa – o beco,
A porta – a pedida.
Meu amanhã será teu hoje,
Pois vivo do que você sobra.

Hemisférios

Meus hemisférios diferem entre si com muita clareza.

O norte é durão.

Odeia as convenções sociais, os bons modos e gentilezas.

Adora destruir o inimigo.

Golpeia com força para danificar o máximo que pode.

O sul é doçura, é ingenuidade, é amável em qualquer situação.

Tem bons modos, é gentil. É prestativo, está sempre disponível.

É de uma ternura invejável.

O sul ama as pessoas.

O norte é possessivo, grosseiro.

É egocêntrico ao extremo.

É cheio de paranoias.

Estressado, violento e nublado.

O sul é humilde,

Relax, límpido e ensolarado.

Ah... O sul.

O sul é um amado.





O sol e a lua



Com o escuro da noite
A paisagem enegrece,
Mas seus raios cristalinos
Aos poucos aparecem.

O manto negro se desmancha
O astro rei vem à tona,
Enche o dia de relíquia
Seus raios de ouro ele aplica.

A lua, rainha da noite,
Pelo rei sol se apaixonou,
Deste amor brilhante
Muita estrela resultou.

Neste casal liberal
Os dois têm seus direitos.
E para dividirem o trabalho
Não tinha outro jeito.

Combinaram de acordo
Que o sol iluminaria o dia.
E à noite, sem compromisso,
A lua apareceria.

Lados

Sou um pouco mais do que fórmulas prontas,
Divido-me muito mais,
Minhas metades visíveis
São menores que as escondidas.

Sou mais talhado que minha fisionomia,
Meu interior é mais belo.
Minha introspecção não tem limites.
Mais do que isso, muito além de ser sincero.

Sou bem mais belo do que este desenho,
Que de mim fizeram quando nasci.
Sou descendente de um espírito empolgado
Que Deus reservou pra mim.

Sou bem maior do que meu tamanho,
Muito além do que você crê.
Aurora boreal da minha alma
É para quem consegue ver.

Sou bem mais ousado
Do que aquilo que dou a ver,
Meu pensamento decola fácil
E à noite, sonho encontrar você.

Sou bem mais frágil que as demonstrações
E do que deixo transparecer,
Minha emoção transborda o universo,
E em versos não sei dizer.

Todos meus amigos partiram.
Eu não, eu fiquei.
Todos foram ser importantes:
Doutores, executivos, diretores ou proprietários.
Eu não, eu fiquei.

Todos meus amigos foram acertar na vida,
Nenhum, sequer, cometeu erros,
Todos iluminados e felizes,
Eles se tornaram heróis,
Nenhum entortou,
Venceram e realizaram seus sonhos.
Eu não, eu fiquei.

Todos viajaram mundo afora,
Conheceram o planeta,
Os melhores modelos de carros,
Roupas de grife,
Todos com olhos europeus,
Todos se tornaram famosos.
Amaram mulheres lindas,
Ficaram ricos.
Eu não.
Eu fiquei.
Eu quis ser feliz aqui.

Todos meus amigos
Estavam certos.
Eu?
Eu fiquei.

Eu
e
meus
amigos



Faça de sua vida

Faça de sua vida o mais belo poema.
A mais agradável gravura.
O mais colorido de todos os temas.
A mais sublime pintura.

Faça de sua vida uma obra de arte.
Uma canção suave.
Um capítulo à parte.
Um soneto formidável.

Faça de sua vida um livro,
Com capítulos bem definidos,
Não faça em rascunho,
Vá logo ao definitivo.



Faça de sua vida uma peça teatral.
Use figurino de qualquer cor.
Experimente diversos sabores.
Abraçe todos os amores.

Faça de sua vida um encontro amoroso.
De alegria que não se descreve.
De momentos primorosos.
De vontade de repetir em breve.

Faça da vida a sua maior vitória.
Aos vencedores constantes
É que se concedem os gritos de glória.

Sobre o autor

Moacir Luís Araldi é apaixonado por poesia e tem como grande inspiração o gaúcho Mario Quintana. Já participou de várias antologias nacionais, entre elas *Poemas Brasileiros de Hoje*, *Poetas Brasileiros Contemporâneos*, *Concurso Nacional Poesia Livre*, *1ª Seleta de Versos Brasileiros*, *Brasili-dades Vol. 7*, *Versos Repletos na Noite Vazia* e *Poesia Encantada VI*, na qual foi premiado com destaque especial pelos poemas *Na próxima página* e *Tinta*. Além de ter boa parte de seus escritos disponível no portal *Recanto das Letras*, acaba de lançar o blog *Dois Versos* (www.doisversos.com). O autor reside em Passo Fundo, Rio Grande do Sul, e **Cabernet** é o seu livro de estreia.



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

[Catálogo do Projeto Passo Fundo
www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)

Dizem que alguns vinhos só melhoram com o tempo.

Estes poemas estiveram guardados na escuridão de uma gaveta por anos e anos. Como que preservados em uma adega secreta, escondidos da luz, do calor e dos olhares do mundo. O peso da idade fez apurar o sabor de cada palavra, intensificou a tonalidade da cor e foi potencializando lentamente o seu aroma, até que enfim atingisse a maturidade.

Em seu livro de estreia, Moacir Luis Araldi derrama no papel os escritos de uma vida inteira, exalando amores inoxidáveis, mágoas fermentadas, lembranças de uma boa safra e resquícios da solidão que nem sempre se afoga com apenas uma garrafa. Dor, felicidade, nostalgia, excitação, esperança, desespero: sabores que se confundem e se sobrepõem a cada novo gole.

Em outras palavras, Cabernet é um brinde agridoce à passagem do tempo. Sirva-se e beba à vontade.

Os editores

“Há que estar sempre embriagado. Tudo está nisto: é a única questão. Para não sentir o terrível fardo do Tempo que lhes dilacera os ombros e os encurva para a terra, embriagar-se sem cessar é preciso. Mas de quê? De vinho, poesia ou virtude, a escolha é sua.”

Charles Baudelaire



978-85-8326-139-1